

# NOTAS ETNOGRÁFICAS DE DUAS PESQUISADORAS-TORCEDORAS: PRÁTICAS DO TORCER E CONSUMIR FUTEBOL DAS MULHERES DO SPORT CLUB DO RECIFE

*ETHNOGRAPHIC NOTES OF TWO RESEARCHERS-FANS: PRACTICES OF FANS AND CONSUMING SOCCER OF SPORT CLUB DO RECIFE WOMEN'S*

Soraya Barreto Januário<sup>1</sup>

Paloma Souza de Castro Melo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as relações de consumo e participação da mulher no futebol a partir de marcadores performáticos em ambientes como de um estádio em dia de jogo, em uma perspectiva de gênero. Para isso, realizamos a observação participante das partidas decorrentes da punição imposta pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) ao Sport Club do Recife, motivada pela violenta invasão de campo no Campeonato Brasileiro de 2022, na qual, durante três jogos, só foi permitida a entrada da torcida composta por mulheres, crianças e PCDs. O recorte teórico-metodológico se deu abarcado pelas epistemologias e antropologia feministas, sendo realizado enquanto método de coleta uma observação participante, diário de campo, entrevistas semi estruturadas e registros fotográficos. A análise foi dividida em quatro fases de participação das mulheres no estádio, fomentadas por importantes marcadores performáticos de suas identidades de torcedoras e da oferta de consumo propiciada pelo clube. Como resultados, encontramos padrões das práticas torcedoras hegemônicas, bem como rupturas no comportamento e consumo clubístico. Como conclusões, entendemos que jogos como esses podem contribuir para uma virada na participação das mulheres nas arquibancadas, não só no perfil da torcida, como também na forma como clubes e entidades esportivas enxergam as torcedoras.

**Palavras-chave:** Torcedoras; Sport Club do Recife; Antropologia Feminista; Consumo; Performance.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on the relations of consumption and participation of women in soccer from performative markers in environments such as a stadium on game day, from a gender perspective. For this, we carried out the participant observation of the matches resulting from the punishment imposed by the Superior Court of Sports Justice (STJD) to the Sport Club of Recife, motivated by the violent invasion of the field in the Brazilian Championship of 2022, in which during three games only the entrance of the crowd composed of women,



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

children and PWDs was allowed. A participant observation, field diary, semi-structured interviews and photographic records were carried out as a collection method. The analysis was divided into four phases of women's participation in the stadium, fostered by important performative markers of their identities as fans and the supply of consumption provided by the club. As a result, we found patterns of hegemonic fan practices, as well as disruptions in club behavior and consumption. In conclusion, we understand that games like these can contribute to a turning point in the participation of women in the stands, not only in the profile of the fans, but also in the way clubs and sports entities see the fans.

**Keywords:** Women Fans; Sport Club do Recife; Feminist Anthropology; Consumption; Performance.

## RESENHAS PRELIMINARES

Cabe iniciar esse texto pontuando que ele é redigido por duas pesquisadoras-torcedoras, frequentadoras assíduas de estádios de futebol. Dessa forma, ponderamos e consideramos a indissociabilidade das identidades do ser mulher, pesquisadora e torcedora que fomenta adversidades e impasses, bem como deleites. Importa pontuar que somos torcedoras, desde muito crianças, do Sport Club do Recife e frequentadoras assíduas do estádio e do espaço clubístico. Uma de nós, inclusive, foi participe da torcida jovem do clube em meados dos anos 2000 e criança mascotinha, aquelas que entram em campo com os jogadores no início da partida. Todavia, as proibições na torcida organizada destinadas às mulheres, como é exemplo a proibição de tocar nos instrumentos da torcida e de participação em certos espaços, reforçando a lógica misógina típica do universo do futebol masculinizado, fez com que nos afastássemos desse grupo. Nós duas somos, também, seguidoras do clube nas redes sociais e frequentadoras da sede do clube, acompanhando notícias, processos e o cotidiano do time. Na mescla dessas similitudes, a cada ida ao campo, foram tecidas experiências diversas e distintas, a partir do que foi observado, vivenciado e sentido. Compreendemos o futebol como um artefato cultural, dessa forma, assumimos que seus processos e aprendizados sociais são observados como uma pedagogia cultural (Louro, 2008). Partimos de um fazer científico abarcado pelas epistemologias feministas, isto é, em uma transmissão de conhecimento e produção científica pautada por saberes situados (Haraway, 1995), por testemunho. Uma episteme que surge como um campo de pesquisa da Epistemologia Social, especialmente preocupada em observar, analisar e denunciar o papel das questões de gênero nas diversas atividades epistêmicas.

É sabido que a história da ciência foi pautada em um conhecimento positivista, no qual a objetividade é associada aos preceitos masculinistas (Rodrigues; Menezes, 2013; Barreto Januário, 2022). A proposta de objetividade científica se forja na separação entre razão e emoção. Esse modelo e a noção de objetividade vem sendo criticado e desafiado por teóricas feministas, que têm realinhado suas pesquisas na observância de

saberes localizados e implicados (Haraway, 1995). Donna Haraway (1995) fomenta a ideia de que a objetividade corporificada, feminista, está abarcada em saberes localizados enquanto alternativa epistemológica e metodológica a essa objetividade científica masculina. Segundo Maria Natália Rodrigues e Jaleila Menezes (2013, p. 6), “para as epistemologias feministas, o conhecimento é sempre posicionado e contrário à imparcialidade”. Dessa forma, propomos aqui uma escrita científica que se crê política, posicionada e, portanto, que se localiza em sua parcialidade. E que enfatiza a importância dos conhecimentos e das experiências das mulheres para compreender e transformar a realidade, reconhecendo que as mulheres têm uma visão única e valiosa do mundo com base em suas experiências interseccionais (Collins; Bilge, 2021) de gênero, raça, classe, sexualidade, faixa etária e outros marcadores identitários. Dessa forma, a abordagem feminista busca destacar as vozes, as experiências e as lutas das mulheres, incluindo as nossas, como pesquisadoras e partícipes da torcida e da paixão clubística.

O artigo é fruto de um recorte de um projeto de pesquisa que nasceu de inquietações nossas sobre a compreensão de práticas, identidades e performances das torcedoras em campo, que foram provocadas pelas pesquisadoras-torcedoras a partir de suas vivências e experiências nos estádios de futebol. Ao buscar compreender como as mulheres consomem e se apropriam do futebol e do espaço clubístico, Thiago Escher e Heloisa Reis (2006) observam que o futebol é um fenômeno sociocultural, capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade que vão desde a cultura, o consumo, a economia e processos de sociabilidade (Elias; Dunning, 2005). Todavia, é pertinente ressaltar que a modalidade foi construída e naturalizada como um espaço masculino (Goellner, 2005; 2021), forjado pelos inúmeros processos de socialização e ações dos torcedores com seus cânticos, vestes, narrativas e práticas pautados em premissas patriarcais, que conceberam uma narrativa masculinista em torno do futebol (Bandeira, 2010). Dessa forma, podemos afirmar que o futebol não se limita a um jogo repleto de regras, táticas e estratégias de campo, e o seu processo de pertença e sociabilidade dialoga com questões sociológicas e antropológicas mais complexas e intensas (Elias; Dunning, 2005).

Nesse sentido, importa destacar a imensa capacidade do futebol de estimular novas práticas e comportamentos de consumo, na construção de uma cultura futebolística (Barreto Januário, 2019). É neste lugar que, durante muitos anos, foi negado e proibido às mulheres, seja na participação, na presença e/ou na prática esportiva (Goellner, 2003; 2005; 2021), que empreendemos uma das nossas lutas feministas mais afetivas. Lutas que foram travadas por mulheres e pelos feminismos na conquista de direitos, espaços e papéis, permitindo com que meninas e mulheres pudessem ocupar novas esferas sociais, dentre elas, a do futebol (Goellner, 2005; Bonfim, 2019; Barreto Januário, 2019).

O crescente número de mulheres e meninas nos estádios de futebol nas últimas décadas é exemplo desse processo. Buscaremos abordar no presente debate o futebol a partir da observação de práticas torcedoras protagonizadas por mulheres torcedoras do Sport Club do Recife, em um recorte temporal e espacial muito específico, os jogos que contaram apenas com torcida de mulheres, crianças e pessoas com deficiência (PCDs), no Estádio Ademar da Costa Carvalho, mais conhecido como Ilha do Retiro. A restrição de público decorre de uma punição imposta pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) ao Sport Club do Recife, motivada pela violenta invasão de campo no Campeonato Brasileiro de 2022, protagonizada pela torcida do time rubro-negro. O clube, além de três jogos de suspensão sem público, precisou fechar o estádio por três jogos ao público masculino, tendo como audiência apenas mulheres, crianças e PCDs, em jogos que foram gratuitos. As três partidas foram realizadas respectivamente contra o Botafogo-SP, ABC-RN e Avaí-SC, pelo Campeonato Brasileiro da Série B de 2023.

É pertinente ressaltar que essa medida tem ganho bastante aderência nos estádios do Brasil. No país, a iniciativa teve início em 16 de fevereiro de 2022, no clássico do Campeonato Paranaense entre o Athletico e o Coritiba, no qual torcedores rivais se envolveram em mais um episódio de violência no futebol. Como resultado, os dois clubes foram punidos pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná, e perderam um mando de campo para o estadual de 2023. O Athletico perdeu, ainda, outro mando de campo, por novamente protagonizar cenas de violência na partida contra o Maringá. Todavia, os clubes paranaenses, Athletico e Coritiba, conseguiram reverter a punição do TJD-PR, e, ao invés de terem o portão completamente fechado para a torcida, apenas mulheres e crianças de até 12 anos puderam acompanhar a partida. Os ingressos foram trocados por 1 kg de alimento não perecível. A reversão da pena exacerba uma questão clara, a violência nos estádios está intrinsecamente associada ao masculino e às masculinidades brutalizadas, e a ideia de violência atrelada às vivências e fragilidades das masculinidades hegemônicas (Connell, 2005). Gustavo Andrade (2010, p. 349) observa a “violência como forma de socialização” no caso do futebol, e analisa que de forma evidente, as práticas torcedoras dos homens estão ligadas à “construção de masculinidades viris em diferentes contextos” (Andrade, 2010, p. 349). Nessa perspectiva, vislumbramos a oportunidade de observar o estádio e a torcida, suas práticas e manifestações, diante da presença maciça das mulheres.

Ao compreender que o estádio é um ambiente comunicacional diverso (Nascimento, 2020), que permite a vinculação entre os gestos, corpos, narrativas, práticas de consumo e experiências de forma hierarquizada, o objetivo desta pesquisa se forja em duas questões preponderantes, são elas: 1. A de compreender as nuances das práticas torcedoras, analisando como as relações de gênero se manifestam nas interações que forjam o

ser/tornar-se torcedora do Sport Club do Recife, nas performances das torcidas, considerando suas interações e práticas do torcer; 2. Como se deu o consumo e a oferta do espaço clubístico nos três jogos que contaram apenas com mulheres, crianças e PCDs nos estádios.

Dessa forma, a pesquisa trata de uma etnografia oriunda da vertente crítica da antropologia feminista (Bonetti, 2009). Esta vertente etnográfica pode auxiliar na identificação das convenções de gênero, das relações de poder, e dos diferentes repertórios simbólicos que compõem o universo do futebol e as práticas de torcer, interesses da pesquisa. Segundo Aline Bonetti (2009, p. 109), a antropologia feminista

[...] combina-se com uma proposta teórica voltada para a apreensão das relações de poder, das práticas e da agência humana, nos termos propostos por Ortner (1996) quando estabelece uma “teoria da prática, feminista, das minorias, pós-colonial e subalterna”. A antropóloga propõe um modelo de Teoria da Prática que, ao incorporar a agência humana, por suas formas serem sempre construídas cultural e politicamente, traz as relações e práticas de poder para o centro das análises.

Escolhemos a antropologia feminista como vertente teórico-metodológica devido a ponderação teórica de que as subjetividades de quem pesquisa, narra e observa estão implicadas nesse processo. Trata-se de um viés aproximado e que dialoga com as epistemologias feministas ao desafiar as hierarquias de gênero, questionar as normas e os valores que sustentam as assimetrias nos mais diferentes contextos culturais, na qual se fundamentam nossas crenças, como exposto anteriormente. Com efeito, na coleta dos dados utilizamos métodos combinados, tais como: a observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas<sup>1</sup> e registro fotográfico. Buscando registrar de forma organizada os diversos sentimentos, experiências e observações em campo, nos dias de jogos.

## PRIMEIRO TEMPO: O FAZER-SE TORCEDORA

O futebol é compreendido como um esporte com alargado poder de atrair multidões e uma ampla base de fãs, e ainda considerado uma paixão nacional em muitos países, dentre eles o Brasil, no qual foi apontado como fator importante de identidade nacional (Damatta, 1994; Helal, 2003). A modalidade possui grande relevância na era moderna devido ao seu poder de fomentar paixões, emoções e uma forte capacidade de influenciar adeptos (Barreto Januário, 2019). O futebol congrega uma série de aparatos, simbolismos e elementos subjetivos, de ordem complexa, que fomentam um sentimento de pertença social (Bourdieu, 2005) e desperta os mais variados sentimentos. O processo de sociabilidade e pertença que o futebol aciona já se mostrou capaz de mobilizar grandes massas (Werthein, 2004), influenciar comportamentos culturais e habilidades

(Picanço, 2020), bem como modos de consumo de seus torcedores nas mais diversas esferas.

Ao entender que o futebol é um fenômeno sociocultural, compreendemos que ele modela e forja comportamentos, valores sociais e processos de consumo. E, ainda, que legitima e concebe sistemas e marcadores culturais, bem como reproduz estereótipos e preconceitos socialmente estruturados na vida em sociedade. Guacira Lopes Louro e Jane Neckel (2005) refletem sobre o conceito de pedagogias culturais que se fundamentam nas abordagens pedagógicas que valorizam e incorporam a diversidade cultural presente na sociedade. As autoras compreendem que a cultura desempenha um papel crucial na formação das identidades e subjetividades dos sujeitos. As pedagogias culturais buscam desafiar os padrões culturais dominantes, promovendo a valorização das diferenças, sejam elas relacionadas à etnia, gênero, classe social, orientação sexual, entre outras. Buscando desconstruir estereótipos e preconceitos presentes na sociedade e na educação, proporcionando espaços de diálogo e reflexão sobre as múltiplas culturas e identidades. Todavia Guacira Lopes Louro e Jane Neckel (2005) chamam a atenção para a existência das pedagogias culturais baseadas nas culturas dominantes. Nas nossas reflexões sobre o ambiente clubístico e os espaços futebolísticos, dos quais a várzea, estádios e arenas de futebol fazem parte, entendemos que ali são construídos e exercidos pedagogias particulares próprias, forjadas e legitimadas na cultura futebolística e por cada torcida.

Segundo Henry Giroux e Peter McLaren (1995, p. 144) “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”. Dessa forma, o processo de socialização coletiva das torcidas engendra distintos sistemas e processos pedagógicos que irão determinar os gritos de guerra, cânticos, gestos, bem como a hora certa para usar cada um desses elementos, os silêncios, comportamentos, entre outros. As pedagogias culturais são cotidianamente utilizadas pelas instituições disciplinares (Foucault, 1999) de vigilância e de controle, estando presentes nas práticas educativas formais, na igreja, na mídia e, também, no futebol.

Esses processos pedagógicos apreendidos e repassados cotidianamente são legitimados e reiterados pelos sistemas e relações de poder que estruturam a sociedade. No caso do futebol, é sabido como o marcador de gênero e classe foi preponderante na construção da cultura e do universo da modalidade. Como dito, os arquétipos de masculinidades e virilidades, ao considerar as representações culturais que se associam a essas compreensões, são também produzidos por meio de aprendizagens culturais.

O processo de naturalização e legitimação do futebol enquanto esporte de homem nos impõe questionamentos sobre os valores e ideais socialmente dominantes de masculinidade e feminilidade. Esses

processos são cotidianamente construídos sobre o baluarte de normativas e instituições disciplinares (Foucault, 2004), além de práticas de proibição e coerção sob prerrogativas patriarcais (Goellner, 2005). Para Johanna Von Mühlen e Silvana Goellner (2012), o esporte, bem como qualquer prática cultural, é generificado. As autoras observam que a prática e sociabilização de qualquer esporte são concebidas na (re)produção dos ideais e valores sociais associados a premissas de masculinidades (virilidade, força, agressividade) e de feminilidades (graça, leveza, precisão), que acabam por transladar concepções de gênero para a prática, as vivências e os gostos de determinadas modalidades esportivas (Von Mühlen; Goellner, 2012). Dessa forma, a construção social que forjou atividades e práticas associadas aos esportes entendidos como masculinos ou femininos foi legitimada socialmente (Gonçalves, 1998).

A pesquisadora Stacey Pope (2011) também reflete sobre como os esportes, de modo geral, foram construídos e apresentados como um reduto masculino. As mulheres, então, vêm sendo invisibilizadas, inclusive nos estudos acadêmicos que costumam abordar a torcida de forma generalizada, comumente representada por homens. Quando falamos de pesquisas que tratam da mulher torcedora de futebol, muitas estão associadas aos questionamentos sobre o torcedor (homem) autêntico da classe trabalhadora e que agora divide espaço com a torcida voltada para o consumo, onde as mulheres costumam ser enquadradas. Esse enquadramento da mulher torcedora em uma perspectiva de consumidora e fã, engloba um significado maior de que, por isso, elas representam um futebol mais seguro, não violento e controlado, e tais impressões foram repetidamente elencadas pela mídia hegemônica sobre as partidas estudadas na pesquisa. O fato é que por trás destas impressões há uma lógica de gênero que dialoga com as práticas do cuidado, delicadeza e solidariedade (Gilligan, 2013).

Ao analisar o futebol sob uma perspectiva de gênero, abarcada pelas epistemologias feministas, recorreremos à historiadora feminista Joan Scott (1990), que lançou a questão de que não há uma única maneira de experienciar as masculinidades ou feminilidades. Os ideais que foram construídos e abarcados por performances de gênero determinadas (Butler, 2018) são historicamente excludentes e limitantes para as mulheres, bem como são forjados por relações de poder e por diversas violências. E ainda, concebidas ancoradas em interesses de grupos dominantes específicos que são atrelados às hierarquias de classe, gênero e raça (Collins; Bilge, 2021).

Das damas do século XX, passando por Dulce Rosalina nos anos 1950, até as torcedoras de movimentos feministas atualmente, as mulheres estão presentes no futebol. No início dessa atividade como opção de lazer e posteriormente como esporte competitivo, às mulheres cabia a função de torcer e acompanhar maridos, pais e irmãos nas partidas de domingo, desde que sua participação não ultrapassasse o comportamento de uma dama da época. Com o passar das décadas, principalmente com

o encerramento da gratuidade da entrada de esposas e filhas de sócios nos estádios, a partir de 1919, a presença das mulheres foi diminuindo gradativamente (Araújo, 2019).

Sobre isso, Aira Bonfim (2019) e Soraya Barreto Januário (2019) observam que o termo *torcida*, substantivo feminino, foi originado devido à presença das mulheres nos estádios de futebol no início do século XX. Nesse sentido, as mulheres, ao participarem enquanto espectadoras das partidas nos clubes, vestiam roupas formais da época, tais como luvas, vestidos, joias e chapéus. Bonfim (2019) argumenta que devido ao calor elas tiravam as luvas e seguravam o item, que acabou servindo de adereço que era torcido em situações de nervosismo e/ou excitação, bem como sinal de incentivo no jogo. Dessa forma, os termos *torcer* e *torcida* foram associados, no Brasil, às pessoas que iam aos estádios torcer por seus clubes.

Com efeito, esse protagonismo das mulheres na concepção da palavra *torcida* associada aos adeptos e adeptas dos estádios e clubes futebolísticos ficou durante muito tempo apagado da história. A construção e legitimação de uma cultura e universo do futebol foi atrelado também ao silenciamento e afastamento da presença e participação das mulheres nesse esporte (Goellner, 2003; 2005). Marcado por proibições com força de lei<sup>2</sup> e por uma cultura social patriarcal que fomentou discursos de cerceamento que afastaram meninas e mulheres desses espaços. A história da construção da cultura futebolística associou a ideia de que a *torcida* e o universo do futebol são predominantemente dos homens (Goellner, 2005).

Os quase quarenta anos de impedimento da prática de mulheres no Brasil gerou diversas consequências, inclusive na *torcida*. Nesse cenário de proibições e afastamentos, algumas mulheres transgrediram e participaram ativamente de torcidas pelo país. É o caso de Dulce Rosalina, torcedora do Vasco da Gama, que, em 1956, se tornou a primeira mulher presidente de uma *torcida* organizada (Costa, 2006), época marcada pelas torcidas com objetivos festivos, de apoio ao clube. Ainda que houvesse importante representação da líder torcedora, esta estaria atrelada a um olhar e uma validação masculina dentro do campo esportivo (Araújo, 2019).

O fim da década de 1960 é marcada pelo surgimento de dissidências das torcidas em todo o país. É neste período que observamos o aparecimento das torcidas jovens e, conseqüentemente, a diminuição da liderança dos chefes das antigas uniformizadas ou organizadas, também conhecidas como *charangas* (Araújo, 2019, p. 44).

Com o passar dos anos, no momento de retomada da prática entre as mulheres, ao final dos anos 1970, e com o advento da Internet a partir dos anos 1990, a mulher passa a ganhar maior visibilidade, atrelada também à midiáticação do esporte (Araújo, 2019; Frandsen, 2014). O ciberespaço torna-se ferramenta propulsora do sentimento de pertencimento no futebol, por superar as limitações geográficas. Leda Costa (2006) aponta como o público feminino vem utilizando a internet para manifestação de

suas ideias e posturas comportamentais, por exemplo, para diferenciar as mulheres torcedoras de verdade das ditas inautênticas, criando grupos e perfis nas redes que buscam legitimar a mulher no futebol.

Dando continuidade a essa nova configuração identitária do torcer e com o crescimento exponencial dos recursos digitais, os anos de 2015 e 2016 foram marcados por avanços importantes para as pautas feministas no Brasil (Moraes; Bonfim, 2017). O caminho trilhado por diversas mulheres – torcedoras ou não – ao longo dos anos abriu espaço para o crescimento de grupos e movimentos femininos em torno da cultura torcedora, a fim de construir o seu papel de importância no espetáculo esportivo.

Nessa perspectiva, mulheres torcedoras em todo o mundo se movimentam em torno do seu local de direito também de consumidoras. Soraya Barreto Januário (2019, p. 21) reforça que “[...] a mulher torcedora vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum. Um perfil que se utiliza de um *mix* de meios para participar de debates no entorno do espetáculo futebolístico”. Apesar dos importantes avanços ao longo dos anos, no que se refere à participação das mulheres como atletas, torcedoras ou profissionais do esporte, a efetiva representação delas ainda é cara, o que faz com que estejam em constante provação do seu potencial e do seu espaço de direito nos esportes.

Há uma busca constante de determinados grupos de torcedoras em legitimar o seu papel no futebol, visto que muitos termos de tom pejorativo foram e continuam sendo utilizados para enquadrar a mulher no futebol em tudo que não teria, ou pouco teria, relação com o torcedor tradicional, representado por homens. Ao tratar das representações torcedoras, Ana Carolina Vimieiro e Natália Oliveira Souza (2022, p. 6) comentam que os estudos na área “[...] são diversos e nos indicam algumas representações hegemônicas: as embelezadoras de estádio, as marias-chuteira, a figura maternal, a apaziguadora e a masculinizada”.

Como dito, a participação das mulheres no ambiente do futebol ainda está muito associada a um comportamento pacífico, passivo e não deturpador da ordem social de um ambiente masculinizado. Dentro dos estádios, elas seriam uma das responsáveis pela mudança do comportamento violento dos homens (Vimieiro; Souza, 2022). E são essas e outras características que iremos observar a partir da performance feminina em jogo com público apenas de mulheres, crianças e PCDs.

Dessa forma, a presença da mulher torcedora vem crescendo nas arquibancadas, nas torcidas organizadas, em grupos ativistas ou individualmente, e é fato que as torcedoras de clubes de futebol vêm ganhando visibilidade, fomentando novas formas de composição identitária feminina (Barreto Januário, 2019). Recorremos às afamadas palavras de Simone de Beauvoir (1980, p. 9) “não se nasce mulher, torna-se”, ao observar que o gênero é uma construção social, cultural e política, e que parte de um processo de legitimação social, podemos afirmar que “não se nasce torcedora, torna-se” (Barreto Januário, 2019). A afirmação de

Beauvoir convida a refletir sobre o compromisso e esforço coletivo de se moldar aos valores e premissas socialmente legitimados, que influencia e sofre influência da cultura em sociedade, em um determinado tempo e espaço. Assistimos à reescrita de uma história mal contada, ao descortinar de presenças e participações antes apagadas.

Essa história de exclusão, participação e presencialidades das mulheres no esporte foi contada por algumas autoras como um percurso moldado por relações de poder, dominação masculina, silenciamento e proibições. Bem como perpassado pelas assimetrias de gênero, no qual o corpo das mulheres e suas identidades receberam *status quo* associados a papéis subalternos, objetificados e hipersexualizados (c.f. Miragaya, 2002; Goellner, 2003; 2005; Mourão; Morel, 2005; Costa, 2017; Bonfim, 2019; Barreto Januário, 2019).

Por fim, um dos domínios que o futebol e a presença feminina também mobiliza é o consumo clubístico e de bens e serviços, relacionados ao espetáculo futebolístico, processo que influencia a transmissão de valores, crenças e simbolismos sociais, bem como fomenta o sentimento de pertença e participação social. Existe um envolvimento individual e coletivo atravessado por sentimentos de afeto, identificação e lealdade às equipes e/ou atletas (Lever, 1983).

Nesse sentido, importa salientar que o cerceamento na ocupação das arenas esportivas, entre outros espaços, tem sido pauta contemporânea nas lutas feministas, especialmente abarcadas no feminismo liberal, acerca do debate sobre as esferas pública e privada, ao entender que o privado é utilizado para se referir à esfera individual e familiar – doméstica –, e o público se concebe na esfera coletiva e política. Susan Okin (2008) acrescenta que a distinção entre Estado e sociedade, e de propriedade pública e propriedade privada, estão na centralidade deste debate. E acrescenta que a distinção se dá também entre vida doméstica e vida não doméstica. Dessa forma, a autora usa a distinção pública/doméstica para refletir sobre os cerceamentos que subalternizam a condição social das mulheres. Os discursos que circulam e se legitimam na cultura futebolística, naturalizada enquanto masculina, comumente reforça a ideia de um espaço violento, viril e repleto de comportamentos austeros, legitimando a ideia de um ambiente hostil à presença de mulheres. O futebol é objeto claro desta distinção entre público e doméstico, corporificando um espaço público do qual as mulheres são cotidianamente afastadas e silenciadas.

Dessa forma, ao encampar a causa da presença e ocupação das mulheres no futebol, o discurso feminista e o fenômeno reconhecido como primavera feminista têm tido um papel de importância para o questionamento e reorganização das relações sociais, ao mover estruturas e romper paradigmas antes cristalizados. Diante disso, buscamos neste artigo iniciar uma discussão acerca do tema e, para tal, contamos com a oportunidade de participar dos referidos jogos de punição mencionados. Além do mais, trabalhos de autores e autoras do campo do futebol e

consumo (Damatta, 1994; Crawford, 2004; Giulianotti, 2012), bem como dos estudos sobre a mulher no esporte e torcidas (Araújo, 2019; Barreto Januário, 2019; Costa, 2006; Pope, 2011; Vimieiro, 2022), irão contribuir com o debate.

Acreditamos que o trabalho pode refletir sobre a participação das mulheres em um ambiente orientado para os homens, mostrando que diferentes atos performáticos coexistem na torcida feminina. Entendemos também que outras pesquisas sobre jogos de punição e a participação de mulheres, crianças e PCDs nesses espaços devem ser desenvolvidas para contemplar um fenômeno atual que pode demonstrar uma mudança não só no perfil das torcidas, mas também na forma de consumir o futebol.

## SEGUNDO TEMPO: FUTEBOL, VIOLÊNCIA E CONSUMO TORCEDOR

O futebol se constitui como modalidade esportiva a partir dos jogos de lazer na Inglaterra do século XIX e rapidamente se espalha pelo mundo. No Brasil, filhos de industriais foram responsáveis por trazer o esporte para as fábricas e clubes (Damatta, 1994). Com seu desenvolvimento, já no século XX, o futebol se profissionalizou e virou negócio, atraindo ainda mais espectadores para o esporte-espetáculo (Bourdieu, 1983). A partir dessas mudanças no público frequentador e torcedor de futebol, passamos a reconhecer também a violência atrelada às torcidas nos estádios. A tragédia no *Hillsborough Stadium* em 1989, onde 97 pessoas morreram em decorrência de superlotação e ação negligente da polícia para conter a situação, representou um ponto de virada na cultura torcedora da Inglaterra em direção a uma era pós-*hooligan*, supostamente voltada à família e mais amigável. Um relatório realizado em 1990, após o desastre, recomendou que todos os estádios dos principais clubes ingleses fossem convertidos em setores com cadeiras, o chamado *all-seated*, para manter o controle da torcida (Pope, 2011).

Em toda essa fase após 1990, há certo afastamento da classe trabalhadora dos estádios e um crescimento da audiência da classe média interessada em futebol, assim como de mulheres espectadoras e torcedoras (Pope 2011). O mercado esportivo se consolida e conquista importante espaço na economia de diferentes países pelo mundo. Ao tratarmos do mercado do futebol, só no Brasil, em 2018, ele movimentou cerca de R\$ 48,8 bilhões, o que equivale a 0,72% do PIB nacional (CBF, 2019). Alguns fatores influenciaram o processo de mercantilização no futebol, como a popularidade do esporte na burguesia, o crescimento das relações com corporações e instituições comerciais, a redução da capacidade dos estádios para aumentar o preço dos ingressos e a transmissão televisiva paga (Giulianotti, 2012).

O futebol midiaticizado influenciou diretamente na prática e organização dos eventos. Kirsten Frandsen (2014) corrobora a ideia de midiaticização do

esporte estando intimamente ligada à comercialização. A autora discute sobre o poder da mídia e sua relação com os esportes ao ponto de ser vista como agente de mudança social e mostra como o meio televisivo teve forte influência no desenvolvimento das atividades esportivas, assim como os esportes contribuíram para o crescimento desse meio de negócio. Contudo, teríamos atualmente uma nova fase da relação da mídia com os esportes devido ao advento das mídias digitais, que permitem uma nova forma de consumo esportivo.

Ao tratar do consumo, principalmente enquanto consumo de produtos culturais, como o esporte, Garry Crawford (2004, p. 3-4, tradução nossa) sugere que “[...] nem todos os atos de consumo envolvem necessariamente bens materiais”, o consumo também envolve relações entre as pessoas, a observação das ações e performances de outros, como o assistir a um jogo de futebol. Por essa perspectiva, “[...] torcedoras e torcedores moldam suas identidades no futebol e passam a fazer parte de um ambiente onde encontramos diferentes formas de performar a paixão pelo esporte” (De Castro, 2022, p. 13).

## **PRORROGAÇÃO: A TORCIDA DE MULHERES NO ESTÁDIO SÓ DELAS**

Cabe iniciar a análise ressaltando que as torcidas são múltiplas, efêmeras, diversas, estão em constante mutação (Nascimento, 2020), são reflexos da sociedade e, portanto, não são dadas, herméticas e fechadas (Hall, 2011). Por mais que se note padrões de comportamento, gestos e hábitos abarcados pela paixão clubística (Barreto Januário, 2019), muitas vezes, intencionais, em uma proposta de pertença social (Bourdieu, 2005), visando ao sentimento de grupo e uma ideia de unicidade, as torcidas são compostas por sujeitos e sujeitas plurais, diversos e únicos. Cada torcedora e/ou torcedor apresenta à coletividade uma dinâmica particular.

Com efeito, a análise se dividiu em quatro fases de participação das mulheres, que se destacaram na observação realizada e nos parecem importantes marcadores performáticos de suas identidades torcedoras. São elas: a fase de confraternização; a fase de apropriação dos espaços; a fase dos rituais hostis e a fase de comemoração. Todas elas envoltas de modos de torcer como ato de consumo performativo (Crawford, 2004).

Primeiramente, na fase de confraternização, ao chegarmos no estádio da Ilha do Retiro, o que observamos foi um ambiente de festividade, onde alguns homens estavam presentes na sede do clube para acompanhar esposas, filhas e filhos antes do início da partida. Havia um número expressivo de crianças no clube, reforçando a ideia de maior segurança que mães, pais ou responsáveis possam ter sentido. Observando esta dinâmica fica ainda mais evidente a ideia de que o clube, bem como o futebol, é um espaço de forte demarcação masculina. Havia entre as mulheres as que não possuíam o hábito de ir aos jogos, mesmo sendo a

torcida apenas de mulheres, crianças e PCDs. Sobre isso, a torcedora J. nos relatou que o marido a levou com os filhos, com receio de possíveis tumultos. E ainda confidenciou: “Meu marido nunca trouxe nossas crianças ao estádio porque sempre vem com os amigos. Ele queria trazer o pequeno pela primeira vez ao estádio”. Essas falas reforçam a ideia de perpetuação da tradição futebolística muito fortemente ligada ao masculino (Goellner, 2005; Barreto Januário, 2019) e da mulher no papel de cuidadora (Okin, 2008; Gilligan, 2013), que apesar de não ser partícipe habitual do espetáculo futebolístico foi a responsável por levar os filhos ao primeiro jogo. Reforçando o lugar de lazer do homem, enquanto da mulher, nesse caso, o de cuidadora.

No convívio nos espaços sociais, vale ressaltar que havia toda uma ação de pré-jogo com ativações de marca que foi organizada, de forma mais tímida, desde o primeiro jogo e intensificada a partir do segundo jogo com o público exclusivo, principalmente com foco nas crianças, com distribuição de brindes e lanches (Figura 1), algo não tão comum em outros jogos de público geral, que costumam contar com ações menores ou bem pontuais. Tal prática de consumo nos impõe uma reflexão, de que o clube e os patrocinadores tinham como público-alvo as crianças e não as mulheres, conferindo uma forma de invisibilidade e, ao mesmo tempo, de imposição do papel de cuidadora.

**Figura 1** – Ativações para o público infantil na sede do clube



**Fonte:** Acervo das autoras (2023).

Dessa forma, um ponto a se destacar, nesta vertente que engloba o consumo clubístico, é a nossa impressão, como torcedoras e partícipes desse espaço, de que ele não é para nós, mulheres. Todo o espetáculo clubístico e os consumos atrelados a ele, seja da espacialidade, seja dos bens de consumo primários como comida e bebida, são organizados e pensados no masculino e, no caso dos jogos estudados, para as crianças. Dessa forma, podemos ainda ressaltar as marcas participantes do espetáculo que antecedeu a partida, uma arena de diversão voltada para as crianças com brinquedos e brincadeiras, os patrocínios de produtos voltados ao público infantil, como a pipoca Boku's e o biscoito Futurinhos, além de produtos de higiene íntima feminina e sabonete líquido da marca Kronel, que surgiram apenas no terceiro jogo. Além disso, a marca de arroz e feijão Turquesa, produtos atrelados à ideia de domesticidade (Okin, 2008). Mesmo compreendendo que, como exemplo, marcas de cerveja muito associadas ao universo do futebol não seriam selecionadas em um evento

que priorizava também crianças, é no mínimo questionável as escolhas que nos colocam efetivamente, mesmo em um espaço disruptivo para as mulheres, como cuidadoras e domésticas, mais uma vez. Uma abordagem clara da ética do cuidado feminino (Gilligan, 2013) e da divisão social do trabalho (Okin, 2008). Vale lembrar que a melhoria na organização do pré-jogo se deu após as reclamações e a carta aberta publicada pelo Elas e o Sport.

**Figura 2** – Carta aberta ao Sport Club do Recife e torcedoras do leão da ilha



Fonte: Instagram @elaseosport (2023).

Ainda sobre a carta aberta das mulheres do Elas e o Sport e após realizar uma leitura flutuante das anotações do diário de campo, bem como das entrevistas realizadas com torcedoras, foi possível perceber pontuações que se sobressaem a cada partida. No primeiro jogo contra o Botafogo-SP, com um público de mais de 18.000 mulheres, em um espetáculo de tirar o fôlego de qualquer torcedora apaixonada, pudemos assistir a uma mulher puxar o tradicional grito de guerra do Sport, entoado sempre que se inicia uma partida. Quem puxa esse grito sempre foram homens e meninos, em uma clara demarcação de gênero e de pertença àquele espaço (Barreto Januário, 2019). O segundo jogo foi puxado por um menino, representando as crianças e o terceiro por um homem com deficiência visual, representando as PCDs. O que parecia ser uma homenagem justa do clube, em um espetáculo de cores rubro-negras, gritos entoados, canções e gestos, foi abafado por uma chuva de insatisfações, seja destas torcedoras que escrevem, seja das demais mulheres no estádio.

Categorizamos essas insatisfações em duas vertentes principais, que sugerem as premissas patriarcais no qual o clube parece se embasar: 1. A mulher torcedora não vai ao estádio de forma maciça: chegamos a essa conclusão ao notar o despreparo do espaço clubístico na recepção de um jogo que teve seus ingressos esgotados em questão de horas. Foi notória a diminuta presença de barracas para venda de bebidas e comida na sede, o que nos sugere a incredulidade do clube na presença massiva de mulheres no campo, em uma visão misógina e arcaica. A esse fato se soma a falta de pessoal, seja na limpeza dos banheiros, vendedores de bebidas e grupo de pagode, tradicionais presenças nos jogos com torcida completa; 2. Preconceito social e moral com a mulher: esta percepção se

ancora no fato de que nas primeiras horas após a abertura do portão, o que não significa o início do jogo, acabou a cerveja. Devemos ressaltar que a torcida costuma chegar mais cedo ao estádio para confraternizar e festejar. A falta de bebida alcoólica seria impossível de se pensar nos dias dos jogos com homens. Sobre isso, a torcedora G. observou: “Queria ver se fosse num jogo de homi! Eles quebravam tudo.” A torcedora relata a típica violência esperada dos homens em situações de descontentamento (Bandeira, 2010), bem como o desrespeito à mulher torcedora e seus consumos atrelados. Como se mulheres não consumissem cerveja, assim como os homens, ou até mesmo de que mulheres não deveriam beber cerveja cuidando de crianças. Somado a isso, a ausência do tradicional pagode da sede, como dito, que funciona sempre em dias de jogos.

Outro ponto a destacar é que as torcedoras foram barradas na bateria. Interessante notar que, inclusive, na maioria das torcidas organizadas masculinas, as mulheres são proibidas de tocar nos instrumentos. Uma espécie de sacralidade que só o “divino masculino” pode tocar. Há uma clara lógica de cerceamento e moralidade aos comportamentos ditos masculinos serem desempenhados por mulheres (Barreto Januário, 2016), como beber álcool e se divertir no pagode. Mas a diversão das crianças foi garantida nas ativações pré-jogo e atividades variadas, como mencionamos.

O segundo jogo foi disputado com o ABC-RN. A melhoria de opções de comida e oferta de bebidas foi notória. Foi possível perceber uma maior preocupação do clube em atender as demandas observadas pelas torcedoras. O aumento significativo de mulheres, promotoras contratadas, dando informações também foi um ponto destacado nas entrevistas. A torcedora H., que foi ao primeiro e segundo jogo, ao falar da mudança de atitude do clube na segunda partida, pontuou: “Eu sou torcedora assídua, tô todo jogo do leão na ilha. Mas tem muita mulher que está tendo essa experiência pela primeira vez, o clube não pensou nisso no jogo do Botafogo. Pelo menos nos ouviram. Me senti ouvida.”

Fato curioso que não costumamos ver em jogos de público geral, ou melhor, em jogos pensados para o público masculino. Há uma identificação de que o público presente não era em sua totalidade de torcedoras que frequentam o estádio regularmente, muitas estariam indo pela primeira vez, como no exemplo da torcedora J. Como citamos, houve também a comercialização de produtos voltados ao público feminino, mas que nos pareceu uma iniciativa que não partiu do próprio clube. Ainda no pré-jogo, movimentos femininos e torcidas estilo barras bravas<sup>3</sup> se preparavam para a partida na sede com bandeirões e bateria, agora não mais proibidas de entrar, como ocorrido no primeiro jogo.

**Figura 3** – Pré-jogo da partida na sede do clube



**Fonte:** Acervo das autoras (2023).

No diário de campo, observamos a apropriação dos espaços de forma clara, pois pudemos participar de espaços diferentes do espetáculo futebolístico. O primeiro jogo, contra o Botafogo-SP, assistimos nas cadeiras de ampliação, o segundo, contra o ABC-RN, uma de nós assistiu nas sociais e a outra nas cadeiras centrais e o terceiro, contra o Avaí-SC, na arquibancada. Uma escolha proposital para vislumbrar diferentes perspectivas. O estádio é um espaço demarcado, dividido espacialmente. Há uma evidente estratificação na separação espacial entre as cadeiras e arquibancadas, marcada por uma lógica de classe. As cadeiras e as sociais são especialmente tomadas pelas pessoas que são sócias e que pagam planos especiais mais caros, bem como torcedores não sócios que empregam mais dinheiro para assistir aos jogos naquele espaço. Há diferença de preço entre as cadeiras também, com espaços com melhor visão de jogo, que demandam valores ainda mais altos. Já nas arquibancadas, bem mais baratas que as cadeiras, não há diferença no valor de ingresso. Há um trânsito mais livre e não há demarcação de lugares para sentar. Claramente, estes espaços fomentam um recorte interseccional de classe e de raça (Collins; Bilge, 2021). Dessa forma, as torcidas organizadas trazem consigo marcadores identitários que são muitas vezes estigmatizadas socialmente. Foi possível notar com clareza uma maior presença de mulheres brancas e pardas nas cadeiras, enquanto as arquibancadas contavam com a presença maciça de mulheres negras e pardas. Cabe ressaltar que, apesar dos ingressos terem sido gratuitos nesses jogos, eles foram disponibilizados primeiro para as sócias e sócios, o que gerou uma certa continuidade das divisões típicas dos jogos com torcida completa.

Um fato que chamou a atenção sobre as organizadas foi protagonizado pelas mulheres da ala feminina da Torcida Jovem. É sabido que, desde 2015, as camisas e adereços alusivos às torcidas organizadas (frisa-se organizada por homens) estão proibidos pelo STJD (Organizada, 2023). Diante do fato, o clube não queria deixar as torcedoras adentrarem e ofereceram camisas pretas para que elas utilizassem. Em protesto, as torcedoras não aceitaram e adentraram o estádio apenas de sutiã, demarcando uma posição. O posicionamento do clube sobre o fato lembrou, inclusive, que as cenas de violência que acarretaram a punição dos jogos apenas com torcida de mulheres, crianças e PCDs, foi causado por adeptos da Torcida

Jovem. Cabe lembrar que tais atos de violência têm sido majoritariamente protagonizados por homens, como já relatamos.

Com efeito, as arquibancadas apresentam uma divisão forjada pelas aderências sociais evidentes. Apesar da inexistência de setores formalmente divididos, as torcidas organizadas se agrupam sempre nos mesmos locais, demarcando territórios e espaços através de faixas com o nome das torcidas e agrupamentos. Uma lógica característica das torcidas organizadas, abarcada pela territorialidade como prática de intervenção público-privada, como defende Rodrigo Valverde (2022). Foi possível notar a forte presença de torcidas só de mulheres, como o Elas e o Sport, Leas da Ilha e a ala feminina da tradicional Torcida Jovem. Ao conversar com as torcedoras ficou claro que as partícipes frequentes do espaço clubístico costumam ter um lugar de referência para se sentar. A torcedora A. relatou durante o terceiro jogo, contra o Avaí-SC: “Costumo sentar aqui na arquibancada sempre ao lado das meninas do Elas [e o Sport], além de ver bem o jogo, me sinto mais segura e já sei onde as meninas se reúnem. Além de gostar de cantar com elas.”

Dessa forma, notamos que esse interesse espacial em ficar perto de determinada torcida ou grupo representa segurança, mas também delimita características típicas das formas de torcer, que englobam os cânticos, músicas, gestos, ou seja, os comportamentos sociais das adeptas.

Sobre os comportamentos e ações do ato de torcer, foi interessante notar, por exemplo, um fator de diferenciação evidente e simples. A maior parte das torcedoras das cadeiras assistiam aos jogos sentadas, levantando em momentos quentes do jogo, ataques e contra-ataques mais efusivos. Já a arquibancada, especialmente nos espaços demarcados pelas organizadas, tinha uma maioria de torcedoras em pé, gritando e cantando todo o tempo.

Ainda na fase de apropriação dos espaços, é pertinente refletir sobre uma das formas mais esperadas de performance das torcedoras do clube: todo o tempo, no pré-jogo, grupos de mulheres puxavam o Cazá Cazá, grito oficial do Sport Recife. No terceiro jogo, contra o Avaí-SC, foi possível notar uma intensa atividade de crianças, especialmente meninas, puxando o grito da torcida, em uma lógica de imitação e passagem dos ritos e práticas torcedoras (Nascimento, 2020). Na entrada dos goleiros para aquecimento já se notava um timbre diferente na torcida, o grito se alterava e algumas palavras referentes ao físico dos jogadores foram proferidas, como gostoso, em uma objetificação do corpo masculino (Barreto Januário, 2016). Há também uma afeição significativa com o jogador Wagner Love, ídolo da torcida, especialmente entre as mulheres mais velhas. Dentro do setor das cadeiras, no segundo jogo, as mulheres se apropriaram dos espaços do clube. Como exemplo, os banheiros, tanto masculinos como femininos, foram utilizados e organizados por elas.

Aqui é importante tratarmos dos momentos de bola rolando que protagonizaram performances também de violência. Essa fase ganhou

destaque em um dos jogos, a segunda partida, no qual a torcida adversária também marcou presença. Pela proximidade da cidade de Natal-RN, um grupo de mulheres do ABC chegou ao estádio e foram vaiadas pela torcida rubro-negra. Alguns rituais hostis e comportamentos específicos de um ambiente de estádio foram reproduzidos de igual forma pelo público sem homens, em um claro ritual de imitação das práticas torcedoras masculinas (Nascimento, 2020). Por mais que se espere certa modéstia, insultos foram propagados ao adversário, ainda que em uma intensidade e timbre diferentes. As músicas da torcida que contêm palavrão e cantos homofóbicos não deixaram de estar presentes no jogo, mesmo que em menor frequência, por acreditarmos não ser de conhecimento de todas. Nos chamou atenção, também, o fato de que, mesmo com a maioria absoluta de mulheres, os cânticos seguiam sendo cantados no masculino, em um processo de naturalização da universalidade masculina socialmente difundida. Houve um esforço de algumas torcedoras em indiretamente ensinar os rituais e gritos comuns a momentos específicos do jogo para boa parte das mulheres que não costumam frequentar o estádio. De fato, como performar dentro de um estádio de futebol é algo que não nos ensinam, é preciso vivenciar a experiência. O fato de muitas mulheres precisarem ser pedagogizadas no mundo do futebol é compreendido pelo afastamento e proibições que sempre tivemos desses espaços, como já pontuado (Bonfim, 2019; Barreto Januário, 2019).

Observa-se, também, nessa perspectiva, que as práticas vistas nos estádios em jogos de ampla torcida, especialmente construídas no masculino, como certas violências da qual são exemplos a homofobia e a violência aleatória com a torcida adversária, são especialmente valorizadas no escopo das performances masculinas no esporte (Butler, 2013; Barreto Januário, 2016), a partir dos discursos legitimados socialmente na construção das masculinidades hegemônicas (Connell, 2005). E seguem sendo permeadas por disputas em torno de diferentes sentidos do que se entende por masculino. Além disso, permanecem fortemente demarcadas nas construções de gênero sedimentadas nesses espaços clubísticos, o que nos lembra Jack Halberstam (1998), ao refletir sobre o conceito de masculinidade feminina, observando que as masculinidades não se encerram nos corpos dos homens. Portanto, descartar ou mesmo se espantar com processos de violência nos parece certa ingenuidade. Todavia, é fato que o sentimento vivenciado na maioria dos momentos nestes três jogos foi de uma maior tranquilidade e espírito coletivo.

Ao tratar sobre as sonoridades de xingamentos de torcedores de futebol como constituintes da performance masculina heteronormativa, Pedro Silva Marra (2017, p. 58) explica que

A arquibancada de um estádio de futebol brasileiro é um espaço privilegiado para perceber tais dinâmicas. Aqui, torcedores xingam ou proferem palavrões e outros termos de baixo calão constantemente, o que aciona e

modela afetos diversos a fim de realizar ações tão diferentes como odiar a equipe adversária, rivalizar jocosamente com torcedores de outros times, indicar a vontade de vitória, indignar-se por uma marcação indevida, etc. Tais dinâmicas eventualmente causam arrepios nos mais polidos e produzem a interpretação de que neste lugar, certas regras sociais se suspendem.

No gol de empate do ABC-RN, ainda no primeiro tempo, a torcida adversária se aproximou da grade que dá para o setor da arquibancada frontal do Sport e uma confusão foi iniciada com tentativas de agressão pela grade, de ambas as torcidas. A polícia rapidamente conseguiu controlar. Édison Gastaldo (2005) comenta como parte da mídia valoriza o espetáculo midiático da violência física entre as torcidas, e o fato acima descrito se destacou em vários portais de notícias. Com 65 minutos de jogo e o time rubro-negro vencendo por 3 x 1, a torcida do ABC-RN decidiu deixar o estádio. Caso permanecessem até o final, por serem do time visitante, passariam pelos mesmos processos de saída de uma partida com público geral, em que a polícia só libera a saída após o esvaziamento do estádio pelo público da casa.

Contudo, em geral, como dito, o clima percebido nessas partidas foi outro, se confraternizou, se fez jus aos rituais, mas de uma maneira diferente, que não necessariamente está ligada a performances de feminilidades enfatizadas (Connell, 2005) e que, ainda assim, marcam esse estereótipo na sociedade, como gritos a todo momento, aplausos em apoio aos jogadores na entrada do time e substituições, e cantos de rivalidade menos intensos, em tom quase jocoso. As torcedoras gritavam “e fora!”, “vai perder”, “a munição se calou”.

Garry Crawford (2004) afirma que são os fãs de esporte que ajudam a criar a atmosfera nos eventos esportivos presenciais, contribuindo para boa parte do que é consumido pela audiência do local ou por meio das transmissões e redes sociais. Um dos aspectos de performance notado por Édison Gastaldo (2005), ao observar torcedores em bares, diz respeito aos desafios verbais, que se caracterizam pelas falas provocantes ao adversário, vinculadas às reações ao que está sendo transmitido na TV. Essa relação com a transmissão do jogo, segundo o autor, se diferencia do espectador da arquibancada, já que a narrativa construída pela mídia permite uma interação diferente para quem assiste. Contudo, também conseguimos enxergar esses aspectos de forma semelhante na performance de muitas mulheres que foram aos jogos da punição, podendo representar como o futebol midiático, orientado para o consumo, forma perfis de torcidas que estão acostumadas a torcer pelas telas.

A fase de comemoração foi performada de diversas formas por essas mulheres, seja reproduzindo rituais e práticas torcedoras ligadas ao torcedor tradicional, onde muitas mulheres se reuniram na sede do clube após os jogos para cantar e comemorar a vitória, seja por meio das redes sociais. Postar em tempo real foi uma constante em boa parte da torcida no setor

das cadeiras e também das arquibancadas, práticas observadas nos três jogos. Elas tiravam fotos, filmavam a entrada dos jogadores, a festa da torcida, os gritos de Cazá Cazá, algumas até videochamada fizeram com seus companheiros ou outras amigas que estavam em setores diferentes. Vale lembrarmos o tempo recorde em que os ingressos se esgotaram, fazendo com que muitas pessoas se movimentassem nas redes sociais ao longo da semana para conseguir a doação de um ingresso em qualquer setor. Sobre isso, a torcedora G. ressaltou no jogo contra o Avaí-SC que “foi um martírio conseguir esses ingressos depois dos outros jogos, eu sempre venho aos estádios, mas veio uma mulherada que só torcia pela internet, nunca veio, todo mundo queria vir”.

Como já citado anteriormente, é na internet que elas encontrarão espaço para comunicação e manifestação (Costa, 2006). Alguns movimentos femininos surgem na última década no Brasil com apoio do ciberespaço e passam a “[...] questionar mais diretamente as desigualdades e violências de gênero no âmbito das culturas torcedoras” (Vimieiro, 2022, p. 12, tradução nossa). A exemplo do Elas e o Sport, que teve presença e influência significativa na festa da torcida nestes jogos de punição, fazendo um trabalho incansável para incentivar mulheres a ocuparem o estádio. São elas, inclusive, que ficaram responsáveis por subir o bandeirão de Dona Maria, torcedora símbolo do time, durante o início da partida.

Esses jogos de punição com público exclusivo de mulheres, crianças e PCDs também chamou atenção e teve apoio da mídia esportiva. Diversos portais de notícia e emissoras cobriram a festa na arquibancada, mas também noticiaram descasos e, principalmente, atos de violência ocorridos entre as torcedoras no jogo contra o ABC-RN. Há um agendamento da mídia em destacar nas manchetes – ao buscarmos notícias sobre a partida – a situação de violência ocorrida, o que só reforça a própria violência e diminui o papel representativo que mostrar mulheres ocupando o estádio pode ter para influenciar a inclusão e participação delas no futebol. Precisamos refletir também sobre a responsabilidade da mídia nesses espaços. A “[...] mídia esportiva, enquanto veículo de construção de representações sociais, tem reproduzido e legitimado um desequilíbrio no espaço destinado à cobertura da participação das atletas e das torcedoras nos eventos esportivos” (Barreto Januário, 2019, p. 39). Mesmo assim, com relação aos jogos de punição, entendemos que a repercussão que se sobressaiu ainda foi de caráter positivo e destacou o exemplo dado pelas mulheres, crianças e PCDs em termos de segurança e clima festivo das arquibancadas e arredores do estádio. Por fim, vale pontuar que, apesar desse aspecto positivo, o próprio uso do termo jogos de punição atrelado à participação de mulheres se impõe problemático e passível de reflexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou refletir sobre as relações de consumo e participação da mulher no futebol a partir de marcadores performáticos de sua identidade torcedora em um ambiente organizado de forma diferente do esperado. Os jogos de punição, que modificaram o reduto dito masculino para um espaço exclusivo de mulheres, crianças e PCDs, revelam aspectos desse ser-que-torce (Costa, 2006) complexo e capaz de se inserir em diferentes perfis de torcida do futebol, tanto quanto os homens.

O que pudemos perceber diante da observação participante dos jogos é que há um sentimento que parece ser senso comum entre as mulheres de que essa experiência dos jogos exclusivos é extremamente positiva, pois permite que elas mostrem suas vozes dentro dos estádios em um ambiente mais seguro e acolhedor e, de fato, isso é pertinente, o clube percebeu com clareza esse aspecto e após a terceira partida anunciou o planejamento de um setor exclusivo para mulheres e crianças na Ilha do Retiro (Holanda, 2023). Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que esses corpos só puderam performar suas identidades torcedoras de forma livre e mais confortável devido a uma punição que o clube recebeu. Todavia, cabe ressaltar que não acreditamos que apenas uma lógica segregadora de espaços exclusivos para as mulheres seja a solução. Esses espaços podem, sim, ser mais uma ferramenta efetiva de inclusão de algumas mulheres, especialmente as que se sentem mais intimidadas por certos componentes da performance masculina em campo. Mas precisamos ir além disso, como é o caso de políticas públicas punitivas para o assédio, posicionamento assertivo do clube e entidades esportivas, bem como campanhas educativas. Entendemos também que havia uma expectativa de que elas se comportassem de acordo com o esperado pela sociedade, a fim de justificar o tipo de punição, porque delas não se espera violência, mas docilidade sustentada por uma ideia de feminilidade, fragilidade e controle desses corpos. Com efeito, reforçamos a narrativa de que as masculinidades violentas não são apenas atos performáticos exclusivamente do masculino (Butler, 2013; Halberstam, 2008).

No domínio disciplinar – termo apresentado por Patrícia Hill Collins (2019) – as instituições e a burocracia contribuem para regular as mulheres negras nos espaços sociais, administrando as relações de poder. Podemos encontrar similaridades com relação às mulheres torcedoras nas arquibancadas que ocupam esses espaços, mas são organizadas de modo controlado e vigiado (Foucault, 1999) e reproduzem comportamentos considerados apropriados para elas. Essa expectativa sobre o comportamento da mulher torcedora em ambientes como os dos estádios acaba por excluí-las, de certo modo, por muitas não se sentirem representadas. E isso se intensifica com os casos de violência comumente presentes no futebol.

Com efeito, mesmo esperando delas um comportamento dócil e as mesmas performando um modo de torcer de fato diferente e menos agressivo com relação aos homens, as mulheres também reproduziram

práticas de alusão violenta, como tentativas de briga, gritos de rivalidade contra a torcida adversária, além dos cantos tradicionais da torcida com palavrões e palavras homofóbicas.

Por isso, é preciso refletir sobre a importância da representação de diferentes perfis de torcedoras nos espaços sociais do futebol. Entendemos que jogos como esse podem contribuir para uma virada de chave na participação das mulheres nas arquibancadas, não só no perfil da torcida, como também na forma como clubes e entidades esportivas enxergam as torcedoras. E quando nos referimos a uma virada de perspectiva, objetivamos dar luz à misoginia ainda fortemente sentida e vivenciada pelas mulheres torcedoras em campo, e sobre o entendimento, compreensão e participação efetiva das mulheres nos estádios. Isto é, uma reconstrução da narrativa e visibilidade social da mulher no futebol, efetivada por uma epistemologia feminista, na ocupação e presença massiva nos dias dos três jogos.

Percebê-las enquanto consumidoras do espetáculo também pode proporcionar uma maior equidade de gênero e uma oportunidade de negócios na venda de produtos e serviços de clubes e marcas esportivas. Garry Crawford (2004) pontua que nem toda atividade de fãs está diretamente ligada ao consumo. Contudo, a construção da identidade torcedora e de relações sociais provenientes do ato de torcer estão diretas ou indiretamente associadas ao consumo, já que “[...] as memórias, pensamentos e conversas dos fãs de esportes muitas vezes se relacionam com eventos que as pessoas assistiram, jogos que viram na televisão, bens de consumo que compraram ou viram e atos de consumo semelhantes” (Crawford, 2004, p. 4, tradução nossa). Vale salientar que elas ainda são fortemente percebidas segundo uma lógica do consumo atrelada à ética feminina do cuidado (Gilligan, 2013), quando notamos a maioria das ativações associadas ao universo infantil e a uma lógica misógina e arcaica quando há uma venda diminuta de cerveja e a exclusão do pagode tradicional, por exemplo, o que nos leva a refletir sobre os códigos morais atrelados ao ser mulher em sociedade.

As diferenças especialmente notadas entre os jogos de torcida ampla e os jogos de punição perpassam o ambiente mais solidário entre as mulheres na maioria do tempo, fato que se justifica pela presença das crianças em massa e ainda pela lógica de socialização do ser feminino (Gilligan, 2013), além de uma paisagem sonora distinta (Marra, 2017), que precisaria ser estudada mais profundamente. Neste sentido, o fator de diferenciação mais evidente para nós, em uma perspectiva de gênero, foi a construção de um espaço de recebimento e acolhimento para as crianças e não para as mulheres ou PCDs. A impressão final que ficou foi a da discrepância entre o discurso da mídia, que exaustivamente vendeu a ideia de um jogo para as mulheres – mesmo que informasse da presença de crianças e PCDs – e a do clube, que construiu em sua sede um espaço e

atmosfera especialmente modificados para receber as crianças e a mulher enquanto mãe, cuidadora.

As partidas nos revelaram que as mulheres estão presentes em diferentes contextos da torcida de futebol, que isso se reflete não só pela complexidade presente nas práticas torcedoras, como também pelas questões de gênero que acompanham essas mulheres em todos os espaços sociais. Os jogos de punição cumpridos pelo Sport Club do Recife representaram um marco importante na cultura torcedora de futebol do país e na formação de novos modos de torcer e de organizar eventos esportivos. Há um longo caminho a ser trilhado e presenciar a festa do futebol nas arquibancadas sendo feita por elas e para elas é uma indicação de como cabe às mulheres o protagonismo de suas próprias identidades torcedoras.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Daniela Torres de. **Lugar de mulher é no futebol:** Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PPGCOM, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Masculinidades em (re)construção:** gênero, corpo e publicidade. Covilhã: LabCom/IFP, 2016.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Mulheres no Campo:** o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino. Mídia e estudos de gênero: um relato de experiência no ensino de publicidade e propaganda. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, [s. l.], v. 4, n. 6, p. 74-93, 2022.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.
- BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 105-122, 2009.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos:** uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.

136-153.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Relatório Impacto do Futebol Brasileiro**. [S. l.]: EY, 2019. Disponível em: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843\\_346.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf). Acesso em: 09 jul. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Por uma política de empoderamento. *In*: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Robert William. **Masculinities**. Cambridge: Polity, 2005.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 1-31, 2006.

COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

CRAWFORD, Garry. **Consuming sport**: fans, sport and culture. London: Routledge, 2004.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, [s. l.], n. 22, p. 10-17, 1994.

DE CASTRO, Paloma. Torcedoras no futebol: reflexões acerca da representação feminina enquanto consumidoras. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., Intercom, 2022, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0718202220511562d5f1f311e90>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 2005.

ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livro, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FRANDBSEN, Kirsten. Mediatization of sports. *In*: LUNDY, Knut (Ed.). **Mediatization of communication**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2014.

GASTALDO, Édison. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes antropológicos**, [s. l.], v. 11, p. 107-123, 2005.

GILLIGAN, Carol. **La ética del cuidado**. Barcelona: Fundació Víctor Grífols i Lucas, 2013.

GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. *In*: SILVA, T. T. ; MOREIRA, A. F (Org.) **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, [s. l.], v. 5, n. 1, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, [s. l.], v. 27, 2021.

GONÇALVES, Eliane. Pensando o gênero como categoria de análise. **Estudos de**

**Gênero**, Goiânia, n. 7, 1998.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 5, p. 7-41, 1995.

HALBERSTAM, Jack. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

HOLANDA, Felipe. Sport planeja instalar setor exclusivo para mulheres e crianças na Ilha do Retiro. **Esportes DP**, Recife, 9 jun. 2023. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/>

sport/2023/06/sport-planeja-instalar-setor-exclusivo-para-mulheres-e-criancas-na-ilh.html. Acesso em: 29 jul. 2023.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. São Paulo: Record, 1983.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane. Corpo, gênero e sexualidade: discussões, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 179-199, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e realidade**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 81-97, 2008.

MARRA, Pedro Silva. 'Ei, juiz, vai tomar no cu': políticas torcedoras do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas [c/ áudio]. **FuLiA/UFMG**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 55-80, 2017.

MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. *In*: DA COSTA, L. P.; TURINI, M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. v. 1. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol, no campo e nas arquibancadas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., 2017, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA18\\_ID1399\\_07082017191501.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA18_ID1399_07082017191501.pdf). Acesso em: 2 maio 2023.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

NASCIMENTO, Mayra Leal do. **Torcida, substantivo feminino**: interações e relações de gênero nas torcidas do clássico Remo x Paysandu. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2020.

ORGANIZADA do Sport é proibida pela Justiça de frequentar qualquer partida da equipe. **Gazeta Esportiva**, São Paulo, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/organizada-do-sport-e-proibida-pela-justica-de-frequentar-qualquer-partida-da-equipe/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista estudos feministas**, [s. l.], v. 16, p. 305-332, 2008.

PICANÇO, Nizianne Andrade. **Alô mundo, me ajude a ser gente**: interações sociais no futebol para o desenvolvimento de habilidades sociais. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará, 2020.

POPE, Stacey. 'Like pulling down Durham Cathedral and building a brothel': women as 'new consumer' fans?. **International Review for the Sociology of Sport**, [s. l.], v. 46, n. 4, p. 471-487, 2011.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. O

desafio de pesquisar: reflexões sobre metodologias e feminismo a partir de uma experiência de pesquisa. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s. n.], 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. **Educação e realidade**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Os usos da discórdia: a territorialidade das torcidas organizadas como pretexto para intervenções público-privadas nos espaços do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, [s. l.], v. 42, p. e203724-e203724, 2022.

VIMIEIRO, Ana Carolina. The ecosystem of football supporter groups in Brazil: traditions, innovation and hybridity. *In*: COOMBS, Danielle Sarver; OSBORNE, Anne C.. **Routledge Handbook of Sport Fans and Fandom**. New York: Routledge, 2022. p. 225-237.

VIMIEIRO, Ana Carolina; SOUZA, Natália Oliveira. Representações das mulheres do futebol em telenovelas: uma análise da personagem Suelen de Avenida Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202217165362d862b5d2b2b>. Acesso em: 11 jul. 2023.

VON MÜHLEN, Johanna Coelho; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 34, p. 165-184, 2012.

WERTHEIN, J. **Esporte e sociedade**: ações socioculturais para a cidadania. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.

**Submetido em:** 22/08/2023

**Aprovado em:** 30/10/2023

### **Soraya Maria Barreto Januário**

*soraya.barreto@ufpe.br*

Pós-doutorado na McGill University, Canadá. Doutora em Comunicação pela FCSH/UNL, Portugal. Professora do Departamento de Comunicação e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM e em Direitos Humanos - PPGDH da UFPE.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0405-6381>.

### **Paloma Souza de Castro Melo**

*paloma.castro@ufpe.br*

Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE. Mestra em Comunicação e publicitária pela mesma instituição. Bolsista Capes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6606-757X>.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Foram realizadas dez entrevistas por jogo, todas as entrevistas foram gravadas por meio do aparelho celular de uma das pesquisadoras. Cada entrevistada assinou um termo de consentimento livre e esclarecido de uso de imagem e voz.
- <sup>2</sup> O decreto-lei que proibia a participação e presença das mulheres nos estádios de futebol foi promulgado em 14 de abril de 1941. O Decreto-Lei n.º 3.199/ art.54 determinava que as mulheres eram proibidas de praticar diversos esportes de contato, vindo a ser derrubado apenas no final de 1979.
- <sup>3</sup> São inspiradas nas barras sul-americanas, principalmente da Argentina, e se caracterizam pelo apoio e cânticos durante toda a partida (Vimieiro, 2022).